

SERMAM
DESIOAM
BAPTISTA
NA PROFISSAM
DA SENHORA

MADRESOROR MARIA DA CRUZ,
Filha do Excellentissimo.

DVQVE DE MEDINA SYDONIA,
SOBRINHA DA RAYNHAN S,
Religiosa de Sam Francisco.

No mosteyro de Nossa Senhora na Quieta-
çam, das Framengas.

Em Alcantara.

Esteue o SANGTISSIMO SACRAMENTO exposto
Assistirão suas MAGESTADES, & ALTEZAS.

PREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de Iesv. Prêgador de
Sua Magestade.

EM COIMBRA. *Com todas as Licenças necessarias.*

Na Impressam de Thome Carualho Impressor
da Vniuersidade Anno de 1658.

L
H/16/15
10

DESIAM
BAPTISTA
NATROISSA
DA SENHORA
MADRE ZOROD MARI DA CRUZ
Filha do Excmo. Sr.
DUQUE DE MEDINA SYDONIA
SOZINHA DA RAYNA M.
Rigida de Sua Magestade
No moncho de N. S. S. Senhora na Igreja
com, das Paragens
Em Lisboa
ERRATA ANTISSIMO SACRAMENTO exposto
de Sua Magestade & ALZADA
FREGOVO O P. ANTONIO VIEIRA
da Companhia de Iesu. Pregador de
Sua Magestade.

EM COIMBRA. Com todas as Licenças necessarias.
Na Impremta de Thome Carvalho Impressor
da Universidade Anno de 1658.

Elisabeth impletum est tempus pariendi, & peperit filiū;
 & auerunt vicini, & cognati eius quia magnificauit
 Dominus misericordiam suam cum illa, & congratu-
 labantur ei. Et uenerunt circuncidere puerum,
 & uocabant eum nomine patris sui Za-
 chariam. Et respondens mater eius
 dixit: Nequaquam sed uo-
 cabitur Ioannes.

Luc. cap. i.

SENHOR.

NO dia em que
 nace a Voz de
 Deos, justamē
 tē emudecē as
 vozes dos ho-
 mens. Admiraçoens emude-
 cidas são a retórica deste dia:
mirati sunt uniuersi; palmos, &
assombros são as eloquencias
desta acção: Factus est timor
super omnes uicinos eorum. He
 dia hoje de fallarem os cora-
 çoens, & de callarem as lin-
 goas: por isso a lingua de Za-
 charias emudeceu, por isso os
 coraçõens dos Montanhezes
 fallauam: *Posuerunt in corde*
suo dicentes. E se em qualquor
 dia do grande Baptista he pe-
 rigoso o fallar, & os discursos
 mais discretos são os que se re-

metē ao silencio; q̄ serà hoje
 no concurso de tantas obriga-
 çõens em que as causas do tem-
 or, & os motiuos da admi-
 ração se uem tão crecidos? Se
 toda a razão dos asôbros no
 nacimēto do Baptista era uer-
 rem q̄ daua Deos a hũa alma
 a mão de amigo: *Etenim ma-*
nus Domini erat cum illo; Quan-
 to mais deue assombrar hoje
 nossa admiração ver que dā
 Deos a outra alma a mão de
 Esposo: *Etenim manus Domi-*
ni erat cū illo? Bē sei q̄ disse O-
 rignes, q̄ dar Deos a mão ao
 Baptista foy desposarse cō sua
 alma: mas muyto way de des-
 posorio á desposorio, porque
 way muito de lugar a lugar.
 Desposarse Deos nos desertos

Origin.

he

he coula ordinária: mas des-
posarse Deos nos palacios:
Deos desposado no Paço! Ma
rauilha grande! He caso este
em que acho contra mim to-
das as escrituras.

Se lermos o Profeta, Oseas
acharemos, que querendo
Deos desposarse com hũa al-
ma, disse, que a leuaria primei-
ro a hum deserto: *Ducã eam in
solitudinẽ, & loquar ad cor eius.*
Se lermos o profeta Jeremias,
acharemos, que lembrando
Deos a Hierusalem o tẽpo,
que com ella se desposara, ad-
uertio que fora noutro d. ser-
to: *Charitatem d. spõsationis tuae
quando sequuta es me in deserto.*
Se lermos os Cantares de Sa-
lamaõ acharemos, que os des-
posorios daquella alma, sobre
todas queridas de Deos, nõ de-
serto se trataçãõ, noutro de-
serto se conseguiraõ. *Qua est
ista que ascendit per desertum:*
diz no cap. 3. *Qua est ista que
ascendit de deserto inuixa super
dilectum suum:* diz no cap. 8.
Mas para que he multiplicar
escrituras, se o mesmo Esposo
que está presente nos pode
escusar a prouar O misterio
em que Deos mais propriamẽ-
te se desposa com as almas

he o Sacramẽto toberano da
Eucharistia. Porque nelle (co-
mo grauemẽte n. *1. 2. 3. 4. 5. 6. 7. 8. 9. 10. 11. 12. 13. 14. 15. 16. 17. 18. 19. 20. 21. 22. 23. 24. 25. 26. 27. 28. 29. 30. 31. 32. 33. 34. 35. 36. 37. 38. 39. 40. 41. 42. 43. 44. 45. 46. 47. 48. 49. 50. 51. 52. 53. 54. 55. 56. 57. 58. 59. 60. 61. 62. 63. 64. 65. 66. 67. 68. 69. 70. 71. 72. 73. 74. 75. 76. 77. 78. 79. 80. 81. 82. 83. 84. 85. 86. 87. 88. 89. 90. 91. 92. 93. 94. 95. 96. 97. 98. 99. 100.* agos-
tinho) por meo da vnião do
Corpo de Christo se verifica
entre Deos, & o homẽ: *Erunt
duo in carne vna.* E se buscar-
mos os lugares em que Deos
figuratiuamente celebrou es-
tes desposorios, acharemos
q̃ os principaes, assi no velho
como no nouo testamento,
forão desertos. A principal fi-
gura do Sacramento no testa-
mento velho foi o Mana, du-
rou quarẽta años, & todos fo-
raõ de deserto: *Patres nostri ma-
ducauerunt Manã in deserto.* A
principal figura do Sacramẽ-
to no testamẽto nouo, foi o
milagre dos cinco paẽs e o mi-
lagre dos sete, ambos socede-
ram no deserto. *Desertus locus
est, & non habet quod māduret.*
*Vnde eos quis potest hic saturare
panibus in solitudine?* Pois qual
he a razãõ (para q̃ mais funda-
damẽte nos admiramos) qual
he a razãõ porque se desposa
Deos nos desertos sèpre? Não
he o Monarcha vniuersal do
mũdo, não he o Principe eter-
no da gloria? Pois já q̃ ha de
desposarse desigualmente na
terra, porque não busca es-
posa

Oseas. 2.

Jerem. 2.

Cant. 3.

Cant. 8.

Gen. 22.

Mat. 6.

Marc. 6.

Marc. 8.

posa

posá com me nos desigualda-
de nas Cortes, & nos paços dos
Reys, tenão nos desertos, &
nas solçadas?

A razão he, porque esposa
com as qualidades de q̄ Deos
se agrada, não se acha nos pa-
lacios, achase nos desertos. O
Sacramento nos fundou a du-
vida; S. Ião nos fundará a re-
posta. Fez Christo hum pane-
grico do Baptista (que de tão
grande fogueito só Deos pode
fer bastãte orador) as palauras
forão poucas, a sustancia mui-
ta, & começou o Senhor assi.

Luc. 7.

Quid existis in deserto videre. Hominem mollibus vestitum? Ecce qui mollibus vestiuntur in domibus regum sunt. Sabeis quem he Ião, este a quem todos sahis a ver (diz Christo) He hum homem que viue no deserto: não he dos homens q̄ viuê no Paço. Notauel dizer! Pois Senhor, este he o thema que vós tomais para prêgar do Baptista? Quando quereis concluir que he o maior dos nacidos, fundais o Sermam em que viue no deserto, & nam viue no Paço? Si. Toda a perfeição resumi da consisti, como dizem os Theologos: *In prosecutione & fuga,*

em seguir, & em fugir: em seguir a virtude, & em fugir o vicio. Por isso os preceitos Ecclesiasticos, & diuinos, huns são positivos, outros negativos; os positivos que nos mandão seguir o bem, os negativos que nos mandão fugir o mal. Pois para Christo resumir a poucos fundamentos toda a perfeição do Baptista; que fez? Disse que era hum homem, que seguia todo o bem, & que fugia de todo o mal. E para dizer que seguia todo o bem, disse, que viua no deserto, para dizer que fogia de todo o mal, disse, q̄ não viuia no Paço. Explicou-lhe Christo a vida pelo lugar & para dizer quem era disse onde moraua. Ainda não digo he. Para dizer quem era disse onde moraua, & onde não moraua. Para dizer que era homem do Ceo, disse que moraua no deserto: para dizer q̄ não era homem da terra, disse q̄ nam moraua no Paço. E que estando os Paços dos Reys da terra tão mal reputados com Deos, que aquelle Senhor, que só se desposaua nos desertos, hoje o vejamos desposado em Palacio! Marauilha grande.

Mas qual será a razão desta marguilha? Qual será a razão, porque Deos, que só se desposava nos desertos, hoje se desposa no paço? A razão he, porque o paço das Rainhas de Portugal he paço cõ propriedades de deserto. Deos communmente desposase no deserto, porque nam acha no deserto as condições do Paço hoje desposase no Paço, porque achou no Paço as condições do deserto. Quando a Job no meo de seus trabalhos lhe pareceria melhor a morte que a vida, entre as queixas que fazia della, disse desta maneira. *Et nunc requiescerem cum Regibus, & Consulibus, qui edificant sibi solitudines.* Se eu fora morto estiuera agora descansado entre os outros Reys & Principes, que edificação desertos. Notauel modo de fallar! *Cum Regibus, qui edificant solitudines:* Reys que edificação desertos. Se dissera Reys que edificação palacios, bem estaua, mas Reys que edificação desertos! Os desertos edificam se? Antes desfazendo edificios he que se fazem desertos. Pois que Reys são estes, que tro-

cão os termos à Architectura, que Reys sam estes, que edificação desertos? São aquelles Reys (diz Sam Gregorio Papa) em cujos Paços Reaes de tal maneira se contemporiza cõ a vaidade da terra que se trata principalméte da verdade do Ceo; & paços onde se serue a Deos como nos hermos, não são paços, são desertos: *Qui edificant sibi solitudines.* Bem dito, que edificação; porque hà duas maneiras de edificar: edificar por edificio, & edificar por edificação. O edificio faz dos desertos palacios, a edificação faz dos palacios desertos. Hum paço onde se serue a Deos he hum deserto edificado. Paço onde só Deos se serue, & o mundo só se contemporiza: onde a clausura compete com a das Religioens: onde as galas sam dissimulação do cilioio; onde a licença do galanteo, a liberalidade dos sacros & outras mal entendidas grandezas sam exercicios de espiritu: onde sair do Paço para o nouiciado mais he mudar de casa que de vida; Este hermo cortezam nam lhe chamem Paço, chamem lhe deserto.

Greg. Pap.

Job 3.

Qui

Qui edificat sibi solitudines. Lá disse Socrates do Emperador Theodoro segundo, que fora tão religioso príncipe, & tão reformador da Casa Real, que convertera o Paço em Mosteiro. *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio.* Esta conto eu entre as grandes felicidades do nosso Príncipe, que Deus guarde, & a tenho ainda por maior, que a do outro Theodosio. O outro Theodosio fella, o nosso achou: o outro criou esta reformação, o nosso cria se nella. O que grandes fundamentos para tão grandes esperanças! E como no Paço de Portugal tem o Ceo tantas prerogativas de deserto, que muito, q̄ Deus costumado a se despojar nos desertos o vejamos hoje despojado no Paço? Cessem pois as admirações com as dos Montanhesez, rompassem o silencio com a de Zacharias, & comecemos fallar nesta acção pois nos dá licença o psalmo: *Et apertum est illic os eius.*

Verdadeiramente que me vi embarçado no concurso das obrigações de hoje, porq̄ são todas tão grandes, que

cada hũa pedia o Sermam todo. Para nam errar aconselheime com o mesmo S. Ioaõ Baptista, & seguirei sua doutrina. *Qui habet sponsam sponsus est, amicus autem sponsi gaudio gaudet.* Eu sou amigo de Christo, (Diz S. Ioaõ) a esposa he do esposo, a festa he do amigo. Assim seja. A festa serà de S. Ioaõ, o dia serà da Esposa, & o Evangelho se accommodará tanto a hum, & a outro, que pareça que he de ambos. Vamos cõ elle, sem nos apartar hum ponto.

Elisabeth impletum est tempus parienti; & peperit filium. Isabel depois de cõprido o tempo dos nove mezes foy mãy de hũ filho. Aquella palavra *impletū est tempus*, depois de cõprido o tempo, pareceo superflua a alguns Doutores antigos. Não estava claro que S. Ioaõ avia de nacer cõmo os outros homẽs, passado o tempo que a natureza limitou para o nascimento? Pois porq̄ diz hũa cousa superflua o Evangelista, q̄ naceo S. Ioaõ depois de comprido o tempo: *Elisabeth impletum est tempus.* O Cardeal Toledo, & todos os Literaes dizem que não foy su-

Ioann. 3o

Toledo

perflua eſta aduẽtencia ſe-
 nam muito neceſſaria; ſuppo-
 ſto que em S. Ioão ſe anteci-
 param tanto as leys da natu-
 reza, que aos ſeis mezes de cõ-
 cebido ja tinha vzo de razão.
 E quem anticipou o vzo de
 razão tantos annos, podia ſe
 cuidar que tambem antecipa-
 ria o nacimẽto algũs mezes.
 Pois para q̃ ſe ſoubẽſſe q̃ não
 foy aſſi, diga o Euangelista,
 que naceo S. Ioão depois de
 cheo, & comprido o tempo:
Elifabeth impletum eſt tempus.
 Esta he a verdadeira intelli-
 gencia deſte texto; mas quãto
 mais verdadeira, tanto mais
 funda a minha duuida. Que
 ſe diga que S. Ioão naceo com-
 prido o tempo porque não an-
 ticipou o nacimiento; bem
 dito eſtã: mas porq̃ o não an-
 ticipou? Porque não antici-
 pou o tẽpo do nacimiento, aſſi
 como anticipou o tempo do
 vzo da razão? O vzo de ra-
 zão, ſegundo as leys da natu-
 reza, aua de ſer aos ſete annos
 do nacimiento, o nacimiento
 aos nouẽ mezes da concei-
 ção. Pois ſe anticipou o vzo
 da razão tantos annos, porq̃
 não anticipou o nacimiento al-
 gũs mezes? Porq̃ o nacimẽ-

to pertence à vida da natu-
 reza, o vzo da razão pertẽce à
 vida da graça; & nãas materias
 temporaes o que cuſtuma
 fazer o tempo, bem he que o
 faça o tempo: nas materias ef-
 pirituaes o que cuſtuma fazer
 o tempo, melhor he que o
 faça a razão. Para nacer ao
 mũdo, faça o tempo o que hã
 de fazer o tempo: para nacer
 a Deos, o que hade fazer o
 tẽpo, façao a razão. Caminha-
 ua Chriſto de Bethania para
 Hieroſalem, vio no campo
 hũa figeira muito copada, che-
 gou, & como nam achaffe
 mais q̃ folhas, amaldiçooua,
 & nota o Euangelista S. Mar-
 cos (couſa muito digna de ſe
 notar) que não era tempo da-
 quella atimore ter fructo: *Non
 erat tempus ficorum.* Pois valha
 me Deos: paſmaõ aqui todos
 os Doutores Senão era tẽpo
 de fructo, para q̃ o foi Chriſto
 buscar? E ſe o nam achou,
 quando o não auia porque caſ-
 tigo a arvore? Se a caſtigou,
 tinha ella obrigação de ter
 fructo. E ſenão era tempo, co-
 mo tinha eſta obrigação? Ti-
 nha eſta obrigação (diz S. Chryſoſto-
 mo) porq̃ ainda q̃
 por ſer Primavera não deuia

Marc 23

fru-

frutoão tempo, por Deos de
 que se feruir della deuia os á
 razam. E se diuidas da razão
 nam ham de esperar pelos va
 gares do tempo. Para dar fru
 tos ao mundo faça o tempo o
 que ha de fazer o tempo: *Eli
 sabeth impletum est tempus*; mas
 para dar frutos a Deos, o q̃
 hade fazer o tempo, faça a
 razão. *Exultauit infans in vte
 ro*. Esta he hũa das excellen
 cias, q̃ eu venero muito entre
 as grandes do Baptista: fer hũ
 homem em que fez a ra
 zão o que fez nos outros o
 tempo. Esperatem os annos
 pela razão isso acontece a to
 dos, mas adiantarse a ra
 zam aos annos, fazer a razão
 o que auia de fazer o tem
 po; isto so se acha no Baptista:
 se bem gloriolosamente imi
 tado hoje.

O que gloriolosamente equi
 uocado temos hoje o anno:
 o Abril mudado em Setem
 bro, & os frutos que auia de
 amadurecer o tempo, fazo a
 da na razão! Quem podia
 fazer outono dos frutos, a pri
 mauera das flores, senãa a
 espola querida de Christo? *Flo
 res apparuerunt in terra nostra
 tempus putationis aduenit*. Assim

obedecem os tempos, ondẽ
 assi domina a razão. Que çã o
 mundo, & a vida não saibão
 enganar? Que vejamos tãtos
 defenganos da vida em tam
 poucos annos de vida? Que
 he isto? He que fez a razão o
 que auia de fazer o tempo. Se
 guiremsẽ aos annos os de
 fenganos he fazer o tempo o
 que faz o tempo: mas antici
 paremsẽ os defenganos aos
 annos he fazer a razão o que
 o tempo auia de fazer. Quei
 xauale Marco Tulio, que sen
 do os homẽs racionais podẽ
 se mais com elles o discurso
 do tempo, que o discurso da
 razão. Mas hoje vemos o
 discurso da razão mais pode
 roso que o discurso do tem
 po. Que não bastassem nouen
 ta annos para dar lizo a He
 lio, & que bastassem dezotto
 annos para fazer sezzido a
 Samuel? O que grande victo
 ria da razão, contra a sem
 razão do tempo! Hũa velhi
 ce enganada, he a mayor sem
 razão do tempo: Hũa mocid
 dade defenganada he a maior
 victoria da razão. Que nam
 co se os cabellos Sara dep
 ois de pentear defenganos,
 & que os cabellos de Abialão

Cicer.

1. Reg. 13

Cant. 2.

na idade de ouro sintão os rigores do ferro: Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pés de Christo com os cabellos, mas que os não coite; & que haja outra Maria que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados, com os olhos enxutos? Que Jacob na primavera dos annos enterte a sua Rachel, he inconstancia da vida; mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a sy mesma? Grande valor da razam. Dar a vida a Deos quando elle a tira, he dissimular a violencia, entregarlha quando elle a dà, he sacrificar a vontade. Quem dedica a Deos os vltimos annos, faz Christão o temor da morte: quem lhe consagra os primeiros faz Religioso ao amor da vida.

As batalhas da razam com os annos he hũa guerra em que resistem mais os poucos que os muitos. Deixaremse vencer da razam os muytos annos, não he muyto: mas deixaremse vencer, & conuencer os poucos, grande poder da razam. E mais se considerarmos a resistencia fauorecida do sítio. Por os annos, &

nas montanhas (como erã os do Baptista) não he tanto, que seham arrendam à força da razam: mas poucos annos, & em palacio, conuencidos, & desenganados? Grande victoria. Offereceo el Rey Dauid a Bercellai hum grande lugar no paço, & elle que era já de oitenta annos, que responderia? *Quis generarius sum hodie non indigeo hac vicissitudine:* Respondeo que assaz tinha aprendido em tantos annos a desenganar se das cortes que o deixasse o Rey viver retirado consigo, & tratar da sepultura, porem que aceitaua o lugar para hum seu filho que tinha de pouca idade. *Est seruus tuus Chamaam ipse vadet tecum.* Parece que se implica nesta açam o amor de pay, mas explica se bem o engano do mundo. Desenganaram a Bercellai os muitos annos proprios para não querer o Paço para si, & enganarão os poucos annos alheos para querer o Paço para o filho. Não sei que tem o Paço, e os poucos annos, que ainda quando o conhecem os muitos, nam se atreem ao deixar os poucos

Luc. 7.

Genes. 41°

Luc. 11.

2. Reg. 19.

cos

cos Teue conhecimento para o deixar hum velho, nam teue animo para o aconselhar a hum moço. Sendo mais facil de dar o conselho, que o exemplo, deu o exemplo Ber cellai, mas não se atreueo a dar o conselho. Antes parece que se sustituiu a pay nos annos do filho, para lograr na mocidade alhea, o que na propria velhice não podia. E que não auendo valor na velhice pera deixarem totalmente o mundo, ainda aquelles, a quem o mundo deixa: que haja resoluçam na mocidade para meter o mundo debaxo dos pés, quem o mundo trazia na cabeça! O que bem se desafronta hoje a natureza humana. Lá dezia Sam Paulo: *Mihi mundus crucifixus est, & ego mundo:* O mundo está crucificado em my, & eu estou crucificado no mundo. Se o mundo estava estava crucificado em Paulo, tinha o mundo viradas as costas para Paulo: se Paulo estava crucificado no mundo, tinha Pauloviradas as costas para o mundo. E que de eu as costas ao mundo, quando o mundo me vira as costas, não he muyto.

Mas que quando o mundo me mostra bom rosto, de credito ao mundo; esta he a valentia maior. Que quando o mundo se ri de vós, vós chorreis por elle; ò fraqueza! Mas que quando o mundo se ri para vós, vós vos riáis delle, ò valentia!

He tão grande valentia esta, que sendo propria das forças da razão não fion S. Paulo o credito della, senão dos poderes do tempo. Falla S. Paulo de Moyfes, & diz assi: *Moy ses grandis factus negauit se esse filium filia Pharaonis magis eligens affligi cum populo Dei, &c.* Moyfes depois que foy de mayor idade, deixou o Paço del Rey Faraó, deixou a Princeza, deixou quanto alli possuia, & esperaua, escolhendo viuer pobre, & sem liberdade, com o pouo de Deos no captiueiro do Egypto. O em que reparo aqui he, no *grandis factus*; que fez isto Moyfes depois de ser de maior idade. E a que vem agora aqui a idade? Sam Paulo tratava da resoluçam & não dos annos de Moyfes. Pois se a resoluçam estava no animo, & não nos annos porque que era de

Ad Heb.
11.

Ad Gal.

ma-

maior idade Moyses, quando
 deixou o Paço, & se chamou
 por Deus? Dizei: Moyses cri-
 arsi: no Paço do Rey. Farão
 minino, era todo o mimo, &
 favor da Princesa do Egyp-
 to, que o adoptara por filho,
 & como tal era servido, & ve-
 nerado com authoridade, &
 magnificencia real. E deixar
 Moyses a grandeza, & regalo
 do Paço, deixar o amor de hu-
 ma Princesa, deixar a cerca-
 nia de hũa coroa, pareceolhe
 a Sam. Paulo que não era fa-
 çanha creuel em poucos an-
 nos; por isso ajuntou a reso-
 lução. *Moyfes grandis factus.*
 Como se dissera. Ninguem
 duide esta galharda acçam
 de Moyses, porque quando a
 fez era já de maior idade, bé-
 cahia nos seus annos. Ora se-
 ja embora a resolução de
 Moyses victoria do tempo,
 que h grande acção que nós
 celebramos hoje, com ser tã
 parecida em tudo o mais, não
 se pode gloriar della o tem-
 po, senam a razão. Obrou a-
 qui a força da razão, o que lá
 fez o poder do tempo. *Elisa-
 beth impletum est tempus.*

*Et audierunt vicini, & cog-
 nati eius quia magnificauit Deus*

miserencordiam suam cum illa.
 Tanto que nasceo Sam. Ioam
 (diz o Euangelista) soube
 logo pelo lugar, que engran-
 decera Deus sua misericordia
 com Santa Izabel: *Quia mag-
 nificauit Deus misericordiam
 suam.* Notauel dizer! Parece
 que não está boa a consequen-
 cia do texto. O que souu pel-
 lo lugar, avia de ser o que su-
 cedeo em casa de Zacharias.
 Succeder hũa cousa, & soar ou-
 tra, isso acontece nas Cortes
 lisongeiras, & maliciosas, &
 não nas montanhas simples.
 O nosso Euangelho o diz:
*Diulgabantur omnia verba
 haec.* Que o que se diulgaua
 era o mesmo que succedia.
 Pois se o que succedeo foi nasceo
 Baptista. *Elisabet peperit filium;*
 como diz o Euangelista que
 o que souu foy que engran-
 decera Deus sua misericor-
 dia: *Et audierunt quia magnifi-
 cauit Deus misericordiam suam.*
 Grande louuor do Baptista!
 Quando as vozes diziam em
 casa de Zacharias, que nasce-
 ra Ioão, repetião os eccos nas
 montanhas que Deus engran-
 decera sua misericordia; por-
 que quando Ioam sae ao mun-
 do, augmentãose os atribuy-
 tos

tos a Deos: quando Ião nace, Deos crece. Não he arrojamento, nem verdade muyto chã. Disse o mesmo S. Ião & mais fallava em seus louvores com grande modestia.

Ioann. 3. *Illum oportet crescere me autem minui.* Importa que elle creça, & que eu diminua. Aquelle (elle) não se refere menos, q̄ ao verbo humanado. Fois como assi? Deos ainda em quanto humanado não pode crescer. Como logo diz S. Ião *Illum oportet crescere importa q̄ elle creça?* E dado q̄ pode se crescer, q̄ depêdo ncia tinhã os crescimentos de Deos, das diminuições do Baptista? Deos he grande sem depender de ninguê. Como diz logo: *Illū oportet crescere, me autē minui.* Importa crescer elle, & diminuir eu? He possível crescer Deos? E he possível q̄ o seu crescer depêda do Baptista? Si. Porq̄ ainda q̄ Deos por ser infinito, não pode crescer em si mesmo, por ser limitado o conhecimento, humano pode crescer na nossa estimação. E na estimação dos homens, né Deos podia crescer sem diminuir o Baptista, né o Baptista podia diminuir sem Deos cre

cer. Ora vedê como. O conceito que os homens faziam de Deos antigamente, era tal, que quando o Baptista appareceo no mundo, assentarão que elle era Deos. Conforme esta resolução lhe forão efferecer adorações ao deserto, onde o mesmo S. Ião os desenganou. E como o Baptista, & Deos na opinião dos homês, erão iguais; tanto que por seu testemunho se desfez esta opinião: necessariamente creceo Deos, & o Baptista diminuiu. Diminuiu o Baptista porque ficou menor que Deos: creceo Deos, porque ficou mayor q̄ o Baptista. Desorte, que depois que o Baptista veyo ao mundo ficou Deos, para cõ os homens, maior do que dâtes era, porq̄ dantes era como o Baptista, depois começou a ser maior que elle. Donde se infere em grande louvor deste grã de santo, q̄ a medida de Baptista he ser menor q̄ Deos, & a medida de Deos he ser maior q̄ o Baptista. Não tenho menos a bonado fiador, q̄ S. Agostinho: *Quisquis Iohne plus est nō tāñ homo sed Deus est.* Sabeis quê he Ião? He menor q̄ Deos. Sabis quem he Deos?

Math. 11.

S. AUGUSTINUS

he

he maior que João. Com esta differença podem; que em quanto Sam Ioão não disse, eraõ iguais, depois que o testemunhou começou Deos ser maior. Que muito logo, que creça Deos nos seus attributos, quando Sam Ioão nasce no mundo? *Et audierunt quia magnificauit Deus misericordia suam.*

Desta maneira creceo Deos naquelle tempo, & tambem eu hoje, se a consideraçam me não engana, o vejo muito crecido. Entam creceo nas minguâtes de Ioão hoje crece nas minguâtes do mundo. Apareceolhe a Nabucodonosor aquella tam repetida, & tam prodigiosa estatua; E vio o Rey, que tocandolhe huma pedra nos pés de barro, a estatua se diminuiu a poucas cinzas, & a pedra creceo a grandeza de hum monte. *Factus est mons magnus, & repleuit terram.* Para entender esta figura, q̄he enigmatica, saibamos quem era a pedra, & que a estatua. Em sentido de Santo Ambrosio, & Sancto Agostinho, a estatua era o mundo, a pedra era Deos. Pois se a pedra he Deos, como crece a pe-

dra? Deos pode crescer? E se a estatua he o mundo como diminue a estatua, o mundo diminues? Tudo são effectos da estimaçam dos homês. Segundo a estimaçam que fazemos de Deos, & do mundo ou crece a estatua, & diminue a pedra, ou crece a pedra, & diminue a estatua. Se pomos a Deos aos pés do mundo, crece o mundo, & diminue Deos, se pomos o mundo aos pés de Deos, crece Deos, & diminue o mundo. Deixar a Deos por amor das nada do mundo, he fazer a Deos menor que nada; mas deixar o tudo do mundo por amor de Deos, he fazer a Deos maior que tudo. *Psalm 66*

Accedet homo ad cor altum, & exaltabitur Deus. Bemdito seja elle que de quantas vezes vemos a Deos tão pequeno, & tão apoucado nas Cortes dos Reys, o vemos hoje tam grande, & tam crecido! Tam crecido, & tam a crecentado esta hoje Deos em sua grandeza, quantas sam as grandezas do mundo que vemos a seus pés atrojadas. A estatua de Nabuco, na estatura representaua grandezas, na materialiquezas, na finificaçam

Dan. 2.

Ambros.
August.

estados, & tudo isto abrazado em fogo do coração se rende hoje em cizoas aos pés de Christo. Ninguem melhor sacrificia a Deos o mundo, que quem lho offerece em estatua. Porque o mundo em estatua he muito maior que si mesmo. Para derrubar com hũa pedra ao Goliath bastou a funda de David, para derrubar com otra pedra a estatua de Nabuco forão necessarios impulsos (posto que inuictis) do braço de Deos. O Goliath tinha de altura seis covados, a estatua tinha sessenta; que nas grandezas mais pomposas do mundo sempre sam maiores os Gigantes q̄ as estatuas. Nanea as machinas viuas igualão à medida das fohadas. Sonha a fantezia, promete a esperança: profetiza o desejo, representa a imaginação; & ainda que a soltura destes fohos, o cumprimento destas promessas o prazo destas profecias, a verdade destas representações nunca chegão; mais triumpho o amor diuino, quando piza o fantastico, que o verdadeiro: o esperado, que o possuido. Deixar antes de possuir he vsura

de merecer; porque que mais dá, mais mercede, & que a dá os bens na esperança dá os onde são maiores. A melhor parte dos bens desta vida he o esperar por elles: logo mais faz quem se inhabilita para os esperar, que quem se priua de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apostolos quando lançauão as redes & não quando as recolhiao: *Mittentes rete in mare.* Porque mais faz quem deixa as redes lançadas, que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lanção leuam em cada malha hũa esperança; os lanços quando se recolhem trazem muyta rede vazia.

O quantas, & quam bem fundadas esperanças ó quantas & quam bem entendidas grandezas honram hoje empiado so sacrificio os altares de Christo! Dezia Sam Paulo aos Romanos, que ninguem póde dar a Deos senão o que Deos lhe der primeiro. Mas eu vejo hoje hum espirito tão engenhosamente liberal, que auendo recebido de Deos tanto, ainda lhe offerece mais do que Deos lhe deu. Não ha du-

2. Reg. 17

Dan. 3.

Matth. 4.

Ad Ro. 12

uida,

uida, que dos bens temporais mais liberal he o mundo em suas promessas, que Deos em suas liberalidades. Nam costuma Deos dar tanto, quanto o mundo costuma prometer: Bem se segue logo, que mais dá a Deos quem lhe dá as promessas do mundo, que quem lhe torna as dadiuas suas. Se dais a Deos o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promete dais muito mais. O quanto liberal está com Deos quem dandolhe as maiores grandezas, ainda buscâ artificios de lhas dar acrecentadas! E que artificio pode auer para acrescentar os bens, & grâdezas do mundo? Eu o direi: Que nos exemplos desta acção nam se pode deixar de aprender muito. Os bens, & grandezas do mundo falsamente se chamão bens, porque são males, & sem fazam se chamão grandezas, porq̃ são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas, & dos males bens? O remedio he deixalos, & deixalos em esperanças: porque esses, que o mundo chama grâdes bens, sô falsos bens quando

se deixaõ, sô são grandes quando se esperaõ. A esperança lhe dá a grâdeza, o desprezo lhe dá a bôdade; desprezados sam bens, esperados sam grandes. E assi: mais dá que despreza o que espera, que quem dá o que possue. De humas, & outras: de possuida, & de esperadas grâdezas, são despojos as cinzas que hoje se rendem aos soberanos impulsos da quella pedra diuina. O como desaparece a estatua? O como crece o monte? De nossas diminuiçoens augmenta Deos suas grandezas, de nossos desprezos sua Magestade.

Lavio S. João no Apocalipse aquelles vinte, & quatro anciãos, que tirando as coroas das cabeças lançauão aos

Apoc. 4.

pés do trono de Deos: *Mittentes coronas suas ante thronū.* Tornou a olhar o Evangelista, & viu, que Deos tinha muitas coroas na cabeça: *Et in capite eius diademata multa.* Pois se as coroas se lanção aos pés de Deos como tinha Deos as coroas sobre a cabeça? Porque tanto crece Deos em sua grandeza, quanto desprezam os homens por seu amor. As coroas na cabeça de Deos e-

Apoc. 9.

ram augmentos de sua grandeza: as coroas aos pes de Deos erao despresos do amor dos homẽs; & com as mesmas coroas que atrojaua o despreso humano, se autorisaua a Magestade diuina: porque tanto crece Deos nos augmentos de sua grandeza, quãtas são as grandezas que põem aos pẽs de Deos nosso amor. Digãse logo, que crece, & se engrandece Deos hoje duplicadamente: hũa vez medido com Sam Ioaõ, outra vez medido com o mundo. Ser anteposto ao mundo, & ser preferido a Ioaõ, he crescer muito Deos em sua estimaçaõ, & engrandecerse muito em seus attributos: *Quia magnificauit Deus misericordiam suam.*

Et uenerunt circumcidere pueram. Vieraõ circuncidar o minino. Suposto que o minino era S. Ioaõ, parece que o naõ auiaõ de circuncidar. A circuncisaõ naquella tempo era o remedio do peccado original, como hoje o Baptismo. Pois se S. Ioaõ estaua ja liure do peccado original, se estaua em graça de Deos, & santificado nas entranhas de sua may,

porquẽ se fogeita ao rigor da circuncisaõ? Porque ainda que a circuncisaõ naõ lhe tiraua o peccado original, de q̃ estaua liure, acrescentaua lhe a graça da justificaçam com q̃ nacera santificado. E esta he nos seruos de Deos a mayor fineza da uirtude, fogeitarem se a tomar para augmento da graça, os rigores que Deos deixou para remedio da culpa. A circuncisaõ nos outros homens era remedio da culpa; em S. Ioaõ era só augmento de graça; & fogeitar se Sam Ioaõ para maior graça, nas izençoens de innocente aos remedios de culpado! Grãde aççam: grande sacrificio. Fal-la Zacharias à letra do mayor sacrificio da ley da graça, o Sanctissimo Sacramento da Eucharistia, & diz assi. *Quod bonum eius, & quod pulchrum eius nisi frumentum electorum, & uinum germinans Virgines?* Que cousa fez Deos boa, que cousa fez Deos fermosa neste mundo, senão o pan dos escolhidos, & o uinho dos castos? Que seja bono, & bonissimo o sacrificio do corpo, & sangue de Christo Sacramento, naõ auerã quem

Zach. 9

o negue. Mas que diga o Propheta, que não ha outro tam bom como elle: *Quod bonum eius, & quod pulchrũ eius?* Não sei como o auemos nõs de cõceder. E para que nam vamos mais longe: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, nam ha tam bom como o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento? He o mesmo sustancialmente. Pois porque diz Zacharias, que o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento he melhor que todos? A razão da vantagem eu a direi. O sacrificio do corpo, & sangue de Christo na Cruz, foy sacrificio para remedio da peccados: o sacrificio do corpo, & sangue de Christo no Sacramento, he sacrificio para augmento de graça. Ainda que em Christo nam sia peccados proprios, nem merecia graça para si; tinha com tudo tomado por sua conta a satisfacção de nosos peccados, & os meynos de nossa justificação. E que sacrifique tanto Christo na Eucharistia para augmento da graça, quanto sacrificou na Cruz para remedio da culpa!

que empenhe corpo, & sangue para augmentar merecimentos à innocencia, como empenhou corpo, & sangue para alcançar perdão ao peccado! he circumstância de sacrificio tam releuante esta, que da mesma identidade tira differenças, & da mesma igualdade ventagens. *Quod bonũ eius, & quod pulchrum eius?* Tal foy o acto da circuncisaõ do Baptista comparada cõa dos outros filhos de Adã: O corpo, & sangue que os outros deram ao golpe da circuncisaõ para remedio da culpa, deu o São Ioaõ (que a não tinha) sò para augmentos da graça; & que se sacrifique hum innocente, para crescer na graça ao que está foyeito o peccador para remediar a culpa! Grande acção do Baptista. Mas não foi sua só esta vez, nem sua sómente.

Duas innocencias temos hoje foyeitas aos remedios da culpa: ambas condenadas ao rigor, & ambas ao habito da penitencia; q̃taes iniusticias como estas sabe fazer o amor diuino. Cõdena innocencias como culpas, castiga merecimentos como delitos. Que fa-

ção grande penitencia os grandes peccadores, he muito justo: que a penitencia he remedio do peccado. Mas que o Baptista se desferre ao deserto, se cõdene ao cilicio se castigue cõ o jejum; minino, em que peccou vossa innocencia? Hum corpo delicado cõdenado a tanta aspereza! Hũa alma innocente castigada com tanto rigor! Se o Baptista fora o mayor peccador, que auia de fazer senão isto? Mas isto fez, porque auia de ser o mayor Santo. Não pode chegar a mais o mais feruoroso desejo da santidade, que segeitar-se aos remedios do peccado quem goza os priuilegios da innocencia. Enc rece S. Paulo o amor de Christo para com os homẽs & diz desta maneira aos Corinthios. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatum fecit.* Amou o filho de Deos tanto aos homens, que não tendo conhecimento do peccado, se fez peccador por amor delles. Estranha sentença! Christo não era innocentissimo, antes a mesma innocencia? Por razam da vniãõ ao verbo sua alma não era impeccauel? As mesmas

palauias o dizem, *qui peccatum non nouerat.* Pois como pode caber delito na innocencia: como pode ser, que o impeccauel se fizesse peccador: *Pro nobis peccatum fecit?* Respõde. O impeccauel não se pode fazer peccador de culpas, mas pode se fazer peccador de penas. Não pode cometer peccado quanto à culpa, mas pode se foygeitar à pena do peccado como se o cometera. Isto he o que fez Christo por amor de nós, & isto he o q̃ muito encarece S. Paulo em seu amor. *Qui peccatum non nouerat pro nobis peccatũ fecit.* Não pode o amor chegar a mayor extremo, não se pode adelgaçar a mayor fineza, que a fazerse peccador nas penas que he innocente nas culpas. Que o peccador de culpas se faça peccador de penas, busca na penitencia o remedio de seus peccados: mas fazerse peccador de penas o innocente de culpas, he buscar na penitencia o desafogo de seu amor. A penitencia no peccador paga, no innocente obriga: naquelle pelo que ofêdeo, neste pelo que ama. Vede que es agradação mais a Deos, se

ad Corin

as satisfações no offendido.
Sees obrigações de amado?

O igualmente amado, que amante Senhor / consenti os termos da igualdade quanto entre o diuino, & humano se permite, pois vemos hoje as finezas de vosso amor competidas, com as diuidas de nossa obrigação desempenhadas. Huma alma innocente de culpas, mas peccadora de penas, huma innocencia em habito penitente vos offerece hoje a terra, esposo do Ceo; que estas sam as cores de vosso pensamento, estas as galas de vosso amor, estas as purpuras de vosso Reyno. *Fili & Babilonis indauntur purpura, & bisso*, [dizia Sam Bernardo em semelhante açam a virgem Sophia] *& subinde consciencia pannosa iacet: fulgenti monilibus moribus sordent. E cõtra tu foris pannosa, intus speciosa resplendes, sed diuini aspectibus non humanis, intus est quod delectat, quia intus est quem delectat.* Nem a romancear me atreuo estas palauras, porque em tanta differença de eleições, ou se hade topar com o aggrauo, ou com a lisonja. *E contra tu* (só isto quero repetir) *foris pannosa in-*

tus speciosa resplendes: Pelo contrario vós, ó esposa de Christo (diz Sam Bernardo) como dentro tendes a quem quereis aggradar, por dentro trazeis as galas: por fora vestida de sayal, por dentro de resplandores. Foris pannosa, intus speciosa resplendes. Verdadeiramente que quando reparo nestas palauras me parece que vejo já finaes do dia do Iuizo. Hum dos finaes do dia do juizo serâ (como diz S. Ioaõ no Apcalipse) vestirse o sol de cilicio: *Solfactus est niger tãquam saccus cilicinus.* E se já vemos vestido de cilicio o Sol, se mortificadas suas luzes, se penitentes seus resplandores debaixo da aspersão de tam grosseiros eclipses, que auemos de dizer? Que se acaba o mudo? Que he chegado odia do Iuizo? Com muita propriedade se pode dizer assi, porque melhor me rece o nome de dia do Iuizo aquelle em que o mundo se deixa, que aquelle em que o mundo se acaba. Quanto mais que tambem se acaba o mudo para quem acaba com elle. Como cadahum de nós tem o seu mundo, o vniuersal acaba

D. Etern.

Apal

com todos o particular acaba com cada hum. E que muito que se veja o finaes do dia do Juizo em hũa alma para que hoje se acaba o mundo? Mas perguntara eu ao Sol, porque se veste de penitencia? Por culpas? Não; que o fez innocente a natureza. Pois porque? Para os olhos do mundo pôr luto, para os olhos de Deos pôr gala. Vestese de penitencia o Sol sendo innocente, porque não ha sacrificio mais fermoso aos olhos de Deos, que hũa innocencia illustre em habito de penitencia.

Aquellas pelles de que Deos vestio aos primeiros senhores do mundo estauam lhe muito mal a Adam, mas estauam lhe muito bem a Abel. A Adam estauam lhe muito mal, porque eram habito de peccado com penitencia, a Abel estauam lhe muito bem, porque eram habito de penitencia sem peccado: em Adam eram habito de penitencia, em Abel eram habito de penitencia. Esta grande differença ha entre a penitencia dos peccadores, & a penitencia dos innocentes; q̃ a

penitencia dos peccadores he remedio, a penitencia dos innocentes he virtude. Não quero dizer que os actos de penitencia no peccador, & no innocente não sejam virtuosos sempre. Sõ digo que os peccadores tomam a virtude da penitencia pelo que tem de remedio, os innocentes tomam o remedio da penitencia pelo que tem de virtude. Donde se segue: que a penitencia honra os peccadores, os innocetes hõrão a penitencia. A penitencia honra os peccadores, porque lhe tira a afronta do peccado, os innocentes honram a penitencia porque lhe tiram a mistura do remedio. O ditoso Baptista, ó ditosa alma imitadora vossa; ambos em habito de penitentes, & ambos honradores da penitencia. Ditosos vós que fazeis trofeos de victoria os instrumentos de desagravo, & gozais a prerrogatiua de penitentes, sem o desar de arrendidos. Em vós he virtude o que nos outros he remedio, em vós eleiçam o que nos outros necessidade. Sõ em vós nam he remedio do peccado a penitencia.

penitência. Sendo que só vof
 fa penitencia poderá ser reme
 dio do peccado. Porque offen
 sas não merecidas, quaes sam
 as de Deos, só se pagão com
 castigos não merecidos, quaes
 sam os dos innocentes. O me
 recimento offendido só o po
 de satisfazer a innocencia cas
 tigada. O que grande sacrifi
 cio para Deos! O que grande
 lisonja para o Ceo! Lá disse
 Luc. 15. Christo, que faz maior festa o
 ceo ao peccador penitente,
 que ao justo sem penitencia.
 Pois se a innocencia do justo,
 agrada muito, & a penitencia
 do peccador agrada mais;
 quanto agradarã aquelle ex
 cellente estado, que abraça a
 perfeiçam de ambos, & ajun
 ta a penitencia de peccador
 com a innocencia de justo?
 Isto he o que fez o Baptista
 hoje na circuncisaõ sojeitando
 izençõs de innocencia a re
 medios de peccado. *Et vene
 runt circumcidere puerum.*

*Et vocabant eñ nomine patris
 sui Zachariam.* Feito o acto
 da circuncisaõ tratouse de
 dar nome ao minino, & que
 riam os circunstantes que se
 lhe puzesse o nome de seu
 pay, & que se chamasse Za-

charias. Ouio isto Sãcta Iza
 bel, & disse: *Nequaquam* vor
 nenhum caso se hade cha
 mar assi. E porque razam?
 Porque não se hade chamar
 Zacharias o filho de Zacha
 rias? Não era nome santo?
 Não era nome illustre? Nam
 era nome authorizado? Nam
 era nome glorioso? Sy era,
 mas era nome de pay: *Voca
 bant eum nomine Patris sui.* E
 o nome dos pays quanto mais
 illustre, quanto mais glorio
 so, tanto menos o ha de to
 mar quem professa servir a
 Deos, como professaua o Bap
 tista. No nome perpetuase a
 memoria dos pays; na Reli
 gião professase o esquecimen
 to delles: *Obliscere populum
 tuum, & domum patris tui.* E
 como o Baptista auia de ser
 [como foy] primeiro funda
 dor, & exemplar de Religio
 sos; não quiz prudente Santa
 Izabel, que tomasse o nome
 Zacharias; porque não era jus
 to que conseruasse a memo
 riã dos pays no nome, quem
 professaua o esquecimento
 dos pays na vida. Quereis que
 se chame Zacharias, porque
 he nome de seu pay? Alegais
 contra vds. Antes porque he
 nome

Psal. 44.

nome de seu pay senão ha de
 chegar assi. *Vocabant eum no-
 mine patris sui Zachariam, &
 ait mater eius nequaquam.* Que
 grandeméte imitado, se bem
 em parte excedido vemos ho-
 je este exemplo do grande
 Baptista. S. Lucas, porque ef-
 cieua para a memoria dos
 futuros, deteu-se neste lugar
 em contar a genealogia dos
 pays de Sam Ioam; cu que fal-
 lo aos olhos dos presentes,
 não me he necessario deter-
 me em tão sabido, como tão-
 bem me nam fora possivel
 em tam grandioso assumpto.
 Muito fez quem deixou o no-
 me de Zacharias, authoriza-
 do assim com huma teara;
 mas muito mais fez quem
 deixa o gloriosissimo nome
 de Gusmam (glorioso no ceo,
 & na terra) cujo real, & escla-
 recido sangue se teceo sem-
 pre nas purpuras de toda Eu-
 ropia; & hoje com mais glo-
 rias que em nenhum outro
 Reyno (posto que com igual
 magestade em tantos) o ve-
 mos felizmente coroado, &
 veremos em immortal des-
 cendencia, no nosso de Por-
 tugal. Este he o famosissimo
 em todas as idades: o emi-

nentissimo em todas as pes-
 soas: o assinaladissimo, em
 todas as empresas: o celebra-
 dissimo em todas as histo-
 rias, nome de Gusmão; & este
 he o q̄ hoje vemos deixado
 pelo humilde da Cruz. Não
 sei se admire nesta eleição o
 virtuoso, se o deserto? Em fim
 a virtude, & o entendimen-
 to tudo me parece Angeli-
 co.

Quando os Anjos no sepul-
 chro de Christo, perguntarão
 as Marias o que buscavão; *Math. 28.*
 vzação de diferentes termos
 (segundo diuersos Euangelis-
 tas.) O Anjo de S. Matheus
 perguntou se buscavão a Iesu
 crucificado: *Iesū qui crucifixus
 est queritis.* O Anjo de S. Mar-
 eos perguntou se buscavam a
 Iesu Nazareno crucificado:
*Iesum queritis Nazarenū cru-
 cifixum.* Pois se o Anjo de S.
 Marcos chamou a Christo Ie-
 su Nazareno crucificado; por
 que razão o Anjo de S. Mat-
 theus lhe chamou Iesu cruci-
 ficado sómente, & não fallou
 no Nazareno? O melhor co-
 mentador dos Euangelistas, o
 doutor do Maldonado, no-
 tou advertidaméte, q̄ o Anjo
 de S. Matheus appareceu co-

Anjo, & o Anjo de S. Marcos appareceo como homem. *Matheus Angelum, Marcus hominem appellat.* He do texto. Porque S. Matheus diz assi. *Angelus Domini descendit de caelo qui dixit mulieribus: Huius Anjo do Senhor desceo do Ceo, que fallou às molheres. E S. Marcos diz assi. Intrans monumentum viderant iuuenem sedentem:* Entrando no sepulchro viram hum mancebo assentado. E como o que fallou às Marias em S. Marcos, era homem, & em S. Matheus era Anjo; por isso o de S. Marcos chamou a Christo Iesu Nazareno crucificado, & o de S. Matheus chamou-lhe Iesu crucificado somente, & nam fallou no Nazareno. Ora notai Entre o Nazareno, & o crucificado avia esta differença em Christo; que o Nazareno era nome dos pays, o crucificado era nome da Cruz: & antepor o nome de Nazareno ao de crucificado, antepor o nome dos pays ao nome da Cruz, isso fazem os Anjos que sam como homens; mas tomar o nome de crucificado, e callar o de Nazareno tomar o nome da Cruz, & deixar o

nome dos pays, isso fazem os Anjos que são como Anjos. O Anjo de S. Marcos que fallou como homem de terra: *Viderunt iuuenem sedentem.* Antepoz o nome dos pays ao nome da Cruz: *Iesum qui crucifixus est queritis.* O Anjo de S. Matheus, que fallou como Anjo do Ceo: *Angelus Domini descendit de Caelo,* tomou o nome da Cruz, & deixou o nome dos pays: *Iesum qui crucifixus est queritis.* O discerniam mais que humana! O eleiçam verdadeiramente Angelica! Sei eu que as Marias ouvirão os Anjos, mas nenhũa dellas aprendeo a mudar o nome! Maria Magdalena não se chamou da Cruz, senão Magdalena: Maria Cleofé não se chamou da Cruz, senão Cleofé! Não soberão deixar o nome dos pays, & tomar o da Cruz aquellas Marias, porque estava este religioso primor guardado pera outra, que na deusaçam avia de vencer as Marias & na discerniam igualar os Anjos.

Mas assi como em casa de Zacharias se levantou questão sobre o nome do Baptista; assi he bem que a tenhamos

Toled.

mos hoje aqui sobre este nome da Cruz. Quem lá contradisse o nome de Ião ferão as pessoas mais authorizadas q̄ assistiam à celebridade da festa. *Qui venerant celebritatis gratia*, comenta o Cardeal Toledo. Quem aqui impugnarà o nome da Cruz, será também a pessoa mais authorizada que assiste à celebridade da festa, que he quem? Christo Sacramentado. E assi como lá dizião que não se auia de chamar Ião senã Zacharias: assi cã diz Christo que não se auia de chamar da cruz, senão do Sacramento. Não he imaginação sem fundamento mi nha, he acomodação verdadeira tirada com toda a propriedade, do texto. O nome que lá querião dar a o Baptista era Zacharias. E Zacharias que quer dizer? Quer dizer: *M. moria Domini*: A memoria do Senhor. Isso mesmo he o Santissimo Sacramento da Eucharistia. He a memoria do Senhor, que elle nos deixou por prendas em sua ausência. *Hac quo se scunq̄ feceritis in mei memoriam facietis*. Estã fundado. Agora pergũto eu. E que razam tem Christo Sa-

cramentado para dizer, que não quer que o nome seja da cruz, senão do Sacramento? A razam he muyto forçosa. Porque professar Religiam mais he Sacramentarse, que crucificarse. Todos os sanctos commumente chamam cruz ao estado Religioso: mas com licença sua eu digo, que o estado Religioso tem mais do Sacramento que da cruz. A razão em que me fundo he esta. Porque na cruz morreo Christo hum sò vez: no Sacramento morre todos os dias. O sacrificio da cruz foy cruento, mas foy vnico; o sacrificio do altar he incructo, mas he quotidiano.

A maior fineza do amor he morrer: *Maiorem charitatem nemo habet*; mas tem hum grãde de fazer esta fineza, que quem a faz nã pode fazer outra. He a mayor fineza, mas he a vltima. E como Christo amaua tão extremamente aos homẽs & via que morrendo na cruz se acabaua a materia, as suas finezas; que fez? Inuentou miãlagrosamente no Sacramento hum modo de morrer sem acabar, pera morrendo poder dar a vida, & não acabãdo poder

Ioh. 13

der

der repetir a morte. Esta he a augmentagem que leua em Christo o amor que nos mostrou no Sacramento, ao amor que nos mostrou na Cruz. Na Cruz morreo huma vez; no Sacramento morre cadadia: na Cruz deu a vida; no Sacramento perpetuou a morte: A Esposa, como quem melhor as sabe aualiar, nos dirá a verdade desta fineza. *Fortis est ut mors dilectio, dura sicut infernus, amulatio.* O amor se he grande (que isso quer dizer *dilectio*) he como a morte, & se he mayor (que isso quer dizer, *amulatio*) he como o inferno. Notauel dizer! porque razão compara Salomão o amor grande à morte, & o amor maior ao inferno? Eu o direi. Entre a morte, & o inferno ha esta differença, que a morte tira a vida, o inferno perpetua a morte. Por isso o amor grande se compara à morte, & o mayor a o inferno; porque mais he perpetuar a morte, que tirar a vida: tirar a vida he morrer hũa vez; perpetuar a morte he estar morrendo sempre. Eis aqui a desigualdade do amor de Christo na Cruz, & no Sacra-

mento. Competio o amor de Christo no Sacramento, & amar de Christo na Cruz, o da Cruz foy como a morte, porque chegou a tirar a vida: *Fortis est ut mors dilectio*, o do Sacramento foi como o inferno, porque passou a perpetuar a morte. *Dura sicut infernus amulatio.* E muyto mais foy perpetuar a morte, que tirar a vida; porque tirar a vida he morrer num instante, perpetuar a morte he morrer toda a vida.

Eis aqui a razão porque o estado Religioso se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz. Na Cruz morrese hũa só vez, no Sacramento morrese cadadia. Sei que disse Santo Agostinho que sã os Martyres pagão a Christo a fineza que fez em se deixar no Sacramento, porque morrem por quem morre por elles. *Qui accedis ad Mensam Principis debes similia preparare, hoc beati Martires fecerunt.* Mas esta razão de Santo Agostinho (denos licença o lumen da Igreja) impugnale facilmente. Porq̃ muytas mortes nam se pagam com huma só morte: Christo no Sacra-

D. Aug.

mento

mento morre todos os dias, os Martyres morrem huma só vez: logo nam pagam os Martyres a Christo no Sacramento. Pois que diremos a isto? Digo que os martyres pagam a Christo na Cruz, os Religiosos pagam a Christo no Sacramento, Os Martyres pagam a Christo na Cruz, porque morrem huma vez, porque huma vez morreo por elles: os Religiosos pagam a Christo no Sacramento, porque morrem cadadia por quem morre por elles todos os dias. Ha quem o diga? Nam he menos Religioso, que o exemplar de todos, S. Paulo. *Quotidie morior*: cadadia morro. De maneira que assi como Christo no Sacramento inuentou hum modo de morrer sem acabar, para morrendo poder dar a vida, & nam acabando poder repetir a morte; assi os Patriarchas das Religioens (& melhor que todos o Serafico em seu diuino Instituto) parecendohe pouco amor nam morrer, & pouca morte morrer, huma só vez; acharam este modo milagrosamente natural de viuer morrendo, pe-

ra na morte multiplicarem as entregas da vida, & na vida perpetuarem os sacrificios da morte.

Grande lugar do Protopatriarcha das Religioens, Sam Basilio. Falla o grande Basilio das cellas das Religioens mais estreitas, & diz, que a cella de hume alma religiosa he emula, he competidora da sepultura de Christo. *O cella Dominica sepultura emula!* Pois sabamos; que calidades tem huma cella para tam nobre competencia? Em que presunçoens se funda esta emulaçam? Que se compare a cella a qualquer sepultura; iusta semelhança: porque onde o habito de huma mortalha, o leito hum ataude, as paredes tam estreitas, & com tam pouca luz, como estas que vemos, muyto ha de sepultura. Sepultura si, mas sepultura não outra, senão a de Christo; porque razão? Porque nas outras sepulturas mora só a morte; na sepultura de Christo morou a morte, & mais a vida juntas. Na sepultura de Christo estue a vida morta, & a morte resuscitada: & taes são as vossas cellas,

las, o religiosos espiritos. *O cella dominice sepulture amule, que mortuos suscipis, & reuiuifcere facis.* O cella verdadeiramente imitadora da sepultura de Christo, pois está em ti a vida morta, & a morte resuscitada: a vida morta, porque não tem vzos a vida; & a morte resuscitada, porque tem alentos a morte. Es huma suspensão gloriosa de morte, & vida (se bem gloriosa com pena) onde posta a alma nas rayas do viuer, & morrer, participa indistinctamente o mais rigoroso de ambas: insensível, como morta, pera o gozoso da vida; sensitiua, como viua, pera o penoso da morte. Enti se vê multiplicado o milagre natural da Femiz, sendo patria, & sepulchro quotidiano, onde se morre a vida, & se nasce a morte, faltando crinsas, mas nam faltando incendios. En ti (& com maior propriedade hoje) se vê verdadeira a meta fora dos horizontes, sendo oriente, & occaso juntamente, onde o Sol, no mesmo instante morto, & nacido resuscita a hum emisferio quando se sepulta a outro. En ti finalmente (cõ

feres a melhor parte do paraíso) se vê sem fingimento a fabula do inferno, sendo cada Religioso espirito hum Ticio em be mauenturança de penas, que nam podendo morrer, para morrer mais vezes, tem morta a vida, & immorttal a morte: *Semperque renascens non perit, ut possit saepe perire.* Nam he muyto que ache eu comparaçoens no inferno ao maior sacrificio, quando no inferno as buscou a alma santa ao maior Sacramento. De hum & outro se pode dizer com grande semelhanças: *Dura sicut infernus amulatio.* E como o sacrificio da Religião por ser morte perpetuada, se parece mais com o Sacramento, que com a Cruz; sendo o officio dos nomes declarar a essencia das cousas; parece que quem professa Religião não se deue chamar da Cruz, senam do Sacramento: *Et vocabant eum nomine patris sui Zachariam hoc est, memoriam domini.*

Com tudo responde Santa Izabel: *Nequaquam.* Por nenhum caso. E com muyta razam. Porque? Pella mesma, que o persuade. Porque

Je o nome do Sacramento diz tudo o que ha no estado Religiofo, & o nome da Cruz diz menos, pelo mesmo caso se deve tomar o nome da Cruz, & não o do Sacramento. Na eleição dos nomes ha hũa grande differença tomada dos fins, porque se elegem: os nomes que se tomam por verdade dizem tudo, os que se tomão por vaidade dizem mais, os que se tomão por humildade dizem menos. E como a mesma humildade, que desprezou a grandeza dos nomes paternos, foy a que fez a eleição do nome Religiofo; por isso com discreta impropriedade escolheu o nome diminutiuo da Cruz, em que he mais o que se calla, que o que se diz. Como respõdo a Christo Sacramentado, com o mesmo nome do Sacramento quero confirmar a resposta. O Sacramento do altar chamafe corpo, & fangue de Christo. Efse nome lhe deu o mesmo Senhor. *Hoc est corpus meũ. Hic est Calix sanguinis mei.* Pergũto: & ha no Sacramento mais alguma coufa? Ha alma, & ha diuidade. Pois se no Sacramento nam só estã cor-

po, & fangue, senam tambem alma, & diuidade, porque senam chama corpo, & alma, fangue, & diuidade de Christo, senão corpo, & fangue sómente? Porque este nome deu o Christo ao Sacramento na hora em que se quiz mostrar mais humilde. A hora em que Christo se mostrou mais humilde, foy a mesma em que instituo o Sacramento de feu corpo, & fangue, dispor do aos Apollolos com a pureza do Lavatorio: & a fũcõ a humildade de lhe lavar os pés. E como Christo poz o nome a este misterio com aduertencias de humilde, por isso declarou sómente o menos que nelle auja; que os nomes que compoem a humildade sempre callão mais do que dizem. O que diz he, corpo, & fangue; o que calla he alma; & diuidade. O mesmo passa no nosso caso: que ainda que senam tomou o nome ao Sacramento, seguiu efse o exemplo. Deixafe o nome do Sacramento, porque diz mais, tomase o nome da cruz porque diz menos; que se preza o verdadeiro amor, do que he, & nam do que significa.

Bastelhe a Religião ser Cruz, *ex vi verborum*, ainda que se já muyto mais, *per concomitantiam*. Tam justo foy logo deixarse o nome de Zacharias quanto à significação, como quanto à realidade: *Et ait mater eius: nequaquam.*

Acabou senos o thema; & se me não engano tenho ponderado todas as clausulas del de, com alguma semelhança as obrigaçoens deste dia. Mas também vejo que reparatião os mais curiosos em que passei em silencio aquellas palavras: *Audierunt vicini, & cognati, & congratulabantur ei.* Confesso que não fallei nestas palavras; & também confesso, que as deixei porque não achei nellas semelhança, senam muita differença do nosso intento. *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Lá no Nascimento do Baptista, diz o Evangelho, que os parentes, & os vesiños estauão muyto contentes, & agradecidos; por em cá nam he assi. Tam foy esta de poderem estar contentes os vesiños, & os parentes; que antes o parentesco & a visinhança tem razam de estar queixosos.

Tem razam o parentesco de estar queixoso, porque se vê assi deixado: tem razam a visinhança de estar queixosa, porque vê os estranhos preferidos. Quando o sangue se vê deixado, porque não ha de estar queixoso o parentesco? E quando as estrangeiras se vem preferidas às naturaes, porque nam ha de estar queixosa a visinhança? Nam se diga logo aqui: *Cognati, & vicini congratulabantur ei.* Acudo a estas duas queixas, & acabo.

Primeiramente digo, que não tem razam o parentesco de estar queixoso: porque quando as obrigaçoens do sangue se deixam por amor de Deos, não he fazer offensa, he fazer lisonja ao parentesco. Da parte de quem he deixado he sacrificio, mas da parte de quem deixa he lisonja. Tudo pronto. Hospedou Martha a Christo em sua casa, & tinha esta senhora huma irmã a que o texto chama Soror Maria. *Et haic erat Soror nomine Maria:* A qual se retirou com Christo, & assentada humilde a seus pés, o estava ouvindo, & contemplando. Chegou Martha

ao Senhor, & disse-lhe: *Domine non est tibi cura quod serui meae reliquit me solam ministrare?* E bom Senhor tanto vos descudais de mi, que nam vedes que minha irmã me deixou só? Esta foy a historia; duas sam as minhas ponderações. Digo que Martha na queixa que fez de Maria offereceu hum grande sacrificio a Christo, & Maria na occasiam que deu à queixa, deu huma grande satisfação a Martha.

Difficulto assi. Christo não foy o que chamou a Maria; Maria foy a que se assentou a seus pés sagrados. Pois se a occasiam justa, ou injusta da queixa a deu Maria, & não Christo; porque propoem Martha a sua queixa a Christo, & nam a Maria? Porque Martha nesta acção nam pretendeo tanto dar queixas de Maria, quanto offerecer sacrificios a Christo. Como se differa Martha. Não cudeis Senhor, que só Maria he a que faz as finezas que eu tambem vos offereço as minhas. Maria sacrifica sua deuação, eu sacrificio minha solidade: *Reliquit me solam ministrare.* El-

la offereceuos o estar cõ vósco, eu offereceuos o estar sem ella. De sorte que em huma acção auia alli dous sacrificios: hum de Maria porque se fora pera Christo, outro de Martha porque a deixara Maria. Mas destes dous sacrificios qual he maior; o de Maria, ou o de Martha? Eu nam me atreuo a dar sentença nesta causa. Só digo que neste lugar prégara Sam Pedro Chryfologo auia de dizer que o sacrificio de Martha era maior que o de Maria. Pergunta Sam Pedro Chryfologo quem fez mais, se Abraham em sacrificar a Isaac; se Isaac em se offerecer ao sacrificio? Resolue que Abraham; & verdadeiramente tem a Escritura por sua parte. Pois se Isaac era a victima que auia de ficar morto; Se Abraham era o Sacerdote que auia de ficar viuo, como era; ou como podia ser que o sacrificio fosse maior em Abraham que em Isaac? A razam he esta. Porque Isaac sacrificaua a sua pessoa, Abraham sacrificaua a sua solidade; Isaac offerecia se a fic. sem vida, Abraham offerecia se a ficar sem Isaac.

Chryfolo.

Genes. 32.

Mac. E segundo o muito que
 Abrãã amava aquelle fi-
 lho, maior sacrificio fazia em
 o dar a elle, que elle em se
 dar a si. Bem digo eu logo q̃
 foy grande sacrificio, o que
 Martha offerrecco ja Christo
 entre suas queixas, pois lhe sa-
 crificou não menos que a so-
 ledade de Maria. *Reliquit me
 solam ministrare.*

E que Maria na mesma oc-
 cassam, que deu à queixa, deu
 huma grande satisfação a
 Martha, nam ha duvida. Por
 que deixar Maria a Martha
 não por amor doutrê, senão
 por estar com Christo, foy di-
 zelle claramente: que fazia
 tão grande estimacão de sua
 companhia, que só por Deos
 a podera deixar, & só com
 Deos a podia suprir. Vendo
 os filhos de Israel que avia
 quarenta dias q̃ faltava Moy-
 ses, por estar fechado com
 Deos, determinarão abalar
 do pé do monte, & irse. Fo-
 raõse ter com Aarã, & disse-
 ram assi. *Fac nobis Deos qui nos
 precedant, Moysi enim hinc vi-
 ro nescimus quid acciderit.* Aa-
 rã, fazeinos hum Deos que
 nos acompãhe, porque nam
 sabemos que se. o he deo ho-

mem Moyses. Linda conse-
 quencia por certo! Dai já hũ
 Deos porque falta Moyses.
 Moyses não era homem? El-
 les mesmos o diziam: *Moysi
 enim hinc viro.* Pois se Moyses
 era homem porque pediam
 hum Deos em falta de Moy-
 ses? Porque hã presenças, que
 só por Deos se podem deixar;
 & hã ausências que só com
 Deos se podem suprir. Como
 os Hebreos amavam tanto ao
 seu Moyses, & se viam forçá-
 dos a deixar, fazião este dis-
 curso. Já que se ha de deixar
 Moyses, só por hum Deos se
 ha de deixar; & já que se ha de
 suprir com outrem o seu lu-
 gar, só com hum Deos se ha
 de suprir. Por isso pediam a
 Aarã hum Deos, & não ou-
 tro substituto daquella ausen-
 cia: *Fac nobis Deos qui nos pre-
 cedant.* Esta satisfação deram
 os Israelitas a Moyses quan-
 do o queriam deixar, & esta
 foy a satisfação que deu Maria
 a sua irmã quando a deixou.
 Deixou de estar com ella, mas
 por estar com Deos: *Quia etiã
 sedens secus pedes Domini.* Não
 tem logo razã o parentesco
 hoje de se mostrar sentido, ou
 queixoso, senão contente, &

Exod. 33.

Exod. 33.

quoniam

agradecido. *Cognati congratulabantur.*

Et audierunt vicini. Também senam deue queixar a visinhança de ver as Estrangeiras preferidas às naturaes. E porque? Porque huma alma que por mais seruir a Deos quiz ajuntar a clausura com a peregrinação, necessariamente ouue de deixar os naturaes, & buscar os estrangeiros. Huma das cousas que muyto agradeu sempre a Deos em seus seruos foy a peregrinação. Por isso mandou a Abraham que sahisse peregrino de sua patria: por isso quiz q̄ peregrinasse Iacob em Mesopotamia; Joseph no Egypto: & ao mesmo pouo querido de Israel, porque o escolheu para si, o fez peregrinar inteiro tantas vezes, & portantos annos. E como Deos se agrada tanto dos peregrinos (que tambem o quiz ser neste mundo) que faria huma alma desejoza de agardar muito a Deos, vendose obrigada à clausura pelo seu estado, & inclinada à peregrinação pelo gosto diuino? Peregrinação, & clausura não podem estar juntas: pois que reme-

dio? O remedio foi entrando em Religiam. escoher hum mosteiro de Estrangeiras; para que viesse desta maneira a achar juntas a clausura; & a peregrinação clausura no lugar; a peregrinação na companhia. Quem cuidaria, que era possivel estar juntamente em Portugal, & peregrinar em Flandes? Pois isto he o que vemos hoje com nossos olhos.

Falla David da peregrinação dos filhos de Israel para Palestina; & diz assi. *Cum exiret de terra Egypti lingua quã non mouerat audivit.* Quando o povo sahio do Egypto ouuiu a lingua q̄ nam entendia. Particular modo de reparar! Se David pordera a peregrinação dos Israelitas parece que auia de dizer que passaram climas incognitos, que caminharam terras desconhecidas. Pois porque nam repara nas terras senam nas linguas? Porq̄ não diz q̄ andaram por terras estranhas, senam que ouuiram linguas estrangeiras? Porque julgou discretamente o profeta, que a formalidade de peregrinação nam consistia tanto na mudança

psal. 30

Gen. 12

Gen. 29

Gen. 36

Math. 2

dos lugares, quanto na differença das linguas. Não está o ser peregrino na estranheza das terras que se caminham, senam na estranheza da gente com que se trata. *Cum exiret de terra Egypti linguam quam non nouerat audiuisset.* Saí do Egypto para onde se ouue outra lingua, isso he peregrinar. E se he verdadeiro peregrinar o viuer entre gente de lingua estranha, bem digo eu, que se viram aqui juntas milagrosamente a clausura, & a peregrinação; a clausura no lugar, a peregrinação na companhia. Nam deue logo de estar queixosa a visinhança, posto que a queixa parecia justificada; antes tem obrigação as Religiosas Portuguezas de se edificarem, & alegrarem muyto de verem (sobre hum tam grande exemplo) hum tam nouo, & particular espirito na profissão de seu estado; trocando as apparecias do sentimento em motiuos de parabens. *Vicini congratulabantur ei.*

Temos acabado o Sermão, & com ella as victorias do Impossiuel, que a si se chama. Doulhe este nome não só por

ser Sermão do Nascimento do Baptista, com o qual prouou o Anjo que nada era impossiuel a Deos: *Quia non erit impossibile apud Deum omne verbum;* senam por ser Sermão desta profissima solemnissima que celebramos, na qual sem aver reparado deixo prouados seis impossiueis. No nascimento do Baptista venceose hum impossiuel, q̄ foy ajuntarse esterilidade cõ parto: *Elisabet peperit filium.* No acto desta profissão venceose seis impossiueis, que forão os que ordenadamente vimos em seis discursos. No primeiro ajuntarse a Corte cõ o deserto. No segundo a mocidade com o desengano. No terceiro a grandeza com o desprezo. No quarto a innocencia cõ o castigo. No quinto a vida com a morte. No sexto a clausura com a peregrinação. E seis impossiueis vencidos na terra, que deuem esperar senam seis coroas ganhadas no Ceo? Daños ha no Ceo, esposa serenissima de Christo, a Corte com o deserto hum coroa de solitaria entre o coro dos Eremitas, A mocidade com o de-

Luc. 12

sen

tengão huma coroa de prudente entre o coro dos Doutores. A grandeza com o desprezo huma coroa de humilde entre o coro dos Apostolos. A innocencia com o castigo huma coroa de penitente entre o coro dos Confessores. A vida com a morte huma coroa de mortificada entre o coro dos Martyres. A clausura com a perêgrinação

huma coroa de peregrina entre o coro das virgens. Assim triumpho quem assim vence: assim alcança quem assim merece: assim goza quem assim trabalha: assim reyna quem assim serue: nesta vida a Deos por graça; na outra vida cõ Deos por gloria. *Quã mihi, & vobis &c.*

LAVS DEO.



L
41615.10

Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...

Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...
 Littera deo de gratia...
 in auctoritate...

LAVS DEO.

